

## Crianças e exílio



Por **ANGELINA PERALVA\***

*Comentário sobre o livro recém-lançado, organizado por Nadejda Marques e Helena Lucas de Oliveira*

São 46 relatos e 22 países de destino. Exílios múltiplos, formadores de uma verdadeira diáspora que a ditadura impulsionou, entre 1964 e 1985. Dois países, principalmente, Chile e Cuba, foram os primeiros onde aportaram as famílias exiladas. O golpe contra Allende diversificou os percursos e a descolonização portuguesa levou à África uma parte desses brasileiros.

O livro foi inicialmente imaginado no interior do coletivo Viva Chile, criado em 2023 por homens e mulheres que tinham vivido sob o governo da Unidade Popular quando jovens adultos, e por muitos de seus filhos, crianças à época. Mas ele é também devedor do Projeto Clínicas do Testemunho que foi, para alguns, um espaço de elaboração de memórias por vezes profundamente traumáticas.[\[i\]](#)

Duplo trauma. Há aquele causado pela brutalidade das ditaduras, que ameaçaram, prenderam, estupraram, torturaram, mataram e negaram sepultura a muitos corpos, hoje desaparecidos. Mas há um segundo, menos frequentemente evocado. Trauma causado por escolhas dos pais, eles próprios “filhos de uma época romântica, violenta e idealista”, hoje “um mundo remoto, capítulo de um documentário sobre a Guerra Fria”.[\[ii\]](#)

Em condições tão extremas, sobressai a precocidade da socialização política. Crianças pequenas, em situações de risco, ajudam a destruir documentos, aprendem a manter-se em silêncio na iminência da chegada da polícia, a não lembrar os nomes dos “tios” e “tias” com que conviveram (“se fôssemos pegos e torturados, não seríamos os traidores”).

A experiência do exílio é marcada pelo esforço de adaptação. Infindáveis são as rupturas afetivas: pedaços de família, amigos, cachorros que vão ficando para trás. Reiterado é o esforço de reconhecimento do legado dos pais, não obstante a defasagem face à realidade política do presente, que é a desses hoje adultos. Há o trânsito linguístico: do português ao espanhol, depois ao sueco, ao alemão ou ao francês.

As línguas aprendidas têm uso contingenciado, cada uma servindo a um grupo de comunicação: os pais, os irmãos, os colegas de escola. E apesar dos esforços unânimes das famílias, a apropriação necessariamente empobrecida do português, língua obrigatória na comunicação doméstica entre pais e filhos.

Muitos viveram durante anos em Cuba. Alguns nasceram lá. E a imagem que de lá nos trazem destoa da ideia de uma ilha reduzida à função de berçário de “PeGueTreCu”.[\[iii\]](#) Na experiência infantil e adolescente, a escola ocupa um lugar especial. Vários foram “becados” – passavam a semana na escola e o fim de semana em casa, o que facilitava o trabalho dos pais.

Mas todos, mesmo os que não eram internos, se beneficiavam de uma educação totalmente gratuita e integral: ao lado das

disciplinas habituais, a educação artística e esportiva e diversas formas de participação no trabalho.

Nas escolas “Vietnã Heroico” ou “Presencia de Lenin”, cujos nomes prestam tributo ao imaginário revolucionário, crianças estudavam “mitologia greco-romana a partir dos 8 anos”. “Conheci a literatura indiana, os trágicos gregos.” Do mesmo modo, Jorge Amado, Drummond ou Guimarães Rosa.

Acesso ao cinema e aos festivais de música popular, onde artistas brasileiros eram muito presentes: Caetano, Gal, João Bosco, Chico, Sergio Mendes, Djavan, MPB-4, Clara Nunes eram referências para os cubanos. E mesmo novelas – as da *TV Globo* e as da *TV Manchete*: A Escrava Isaura, Dona Beija ou Malu Mulher – também por lá andaram. “Em Cuba se respira cultura por todos os poros”. Longe do controle estatal e da imposição de uma estética particular, que marcaram de forma dramática a história do socialismo europeu, a abertura para o mundo e sua diversidade cultural.

Há no livro descrições antológicas. Como a chegada a pé à *Población Lo Hermida*<sup>[iv]</sup>, na região metropolitana de Santiago, de uma menina portando traje branco de marinheiro, transmutado ao fim do dia na cor tijolo da fina poeira da estrada. Ou a de um pai brasileiro, que acompanhado da diretora retira de classe a filha, obrigada a uma despedida sumária de seu internato cubano para voltar ao Brasil.

A volta, possibilitada pela Lei da Anistia de 1979, não foi menos complicada. Muitos, que se anteciparam a ela, viveram o terror da interpelação policial nos aeroportos. A cidadania havia sido sistematicamente negada pelas embaixadas brasileiras aos filhos de exilados. Mas ela era reconhecida, de fato, por essas crianças como herança dos pais.

O exílio produziu, no entanto, uma distância cultural inarredável e um pertencimento problemático – e problematizado no livro. As crianças retornadas não tinham “um passado” no País. Consideravam “uma honra” ser brasileiras. Mas não tinham vivido a própria infância no Brasil. Muitas dizem que o exílio as constituiu.

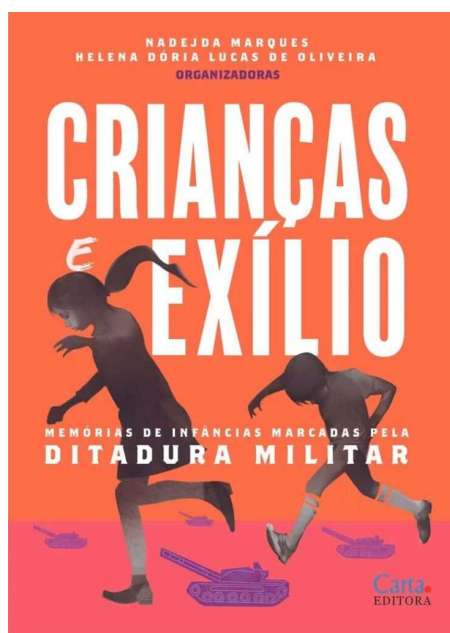
O retorno trouxe a descoberta das famílias ampliadas – tantos primos e primas, tantos tios e tias, “foi uma explosão”! Mas já durante o exílio, para além das rupturas e dos deslocamentos sucessivos, para além também dos laços de sangue, famílias exiladas formaram “flutuantes de amor” – lares móveis como aqueles que, na Amazonia, explica um deles, podem ser levados de um rio a outro.

Há muito a descobrir nesses relatos – contribuição preciosa para a história brasileira recente.

**\*Angelina Peralva é professora sênior Universidade de Toulouse.**

## Referência

---



Nadejda Marques e Helena Lucas de Oliveira (orgs.). *Crianças e exílio: memórias de infâncias marcadas pela ditadura militar*. São Leopoldo, Carta Editora, 2025. [<https://encurtador.com.br/KLZGR>]

## Notas

[i] As Clínicas do Testemunho, programa de reparação psíquica destinado às vítimas da ditadura militar, foram criadas em 2013, no âmbito da Comissão de Anistia, em diferentes Estados do Brasil. Não obstante a importância e a abrangência do projeto, ele foi descontinuado pelo governo Temer após a cassação do mandato da Presidente Dilma Rousseff.

[ii] As passagens citadas apenas apoiam uma leitura transversal do livro; por isso sua autoria não será identificada aqui.

[iii] Perigosos Guerrilheiros Treinados em Cuba.

[iv] Lo Hermida é uma das ocupações urbanas mais emblemáticas, na região metropolitana de Santiago. Como outras, similares, desenvolveu-se nos anos 70 em resposta ao déficit de moradias populares capazes de acolher migrantes vindos de todos os cantos do país.

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**

<https://encurtador.com.br/KLZGR>